

Rodas de conversa como estratégia de educação sexual para famílias de crianças e adolescentes autistas: Relato de experiência

RESUMO

A sexualidade desempenha papel central no desenvolvimento humano e, no contexto do autismo, apresenta características únicas, por algumas particularidades do desenvolvimento social e comunicativo. Indivíduos autistas podem vivenciar desafios específicos relacionados à sexualidade, como maior exposição a situações de violência sexual. Contudo, o tema ainda é pouco explorado, com consequentes lacunas na orientação familiar e na elaboração de intervenções adequadas. Nesse contexto, as rodas de conversa surgem como uma ferramenta estratégica para promover a educação sexual inclusiva e fortalecer o papel protetor das famílias diante da violência sexual. Este estudo teve como objetivo descrever a experiência do uso de rodas de conversa como estratégia de educação sexual para famílias de crianças e adolescentes autistas. De cunho qualitativo descritivo, caracteriza-se como um relato de experiência realizada em 2023 e 2024, em associações de apoio a autistas e suas famílias nos estados de Minas Gerais e São Paulo, Brasil. As rodas de conversa mostraram-se uma estratégia eficaz para promover a educação sexual no contexto do autismo. Por meio de um ambiente acolhedor e participativo, foi possível desmistificar tabus e oferecer ferramentas práticas para lidar com questões sensíveis sobre a sexualidade no espectro.

Palavras-chave: Educação sexual, Autismo, Famílias, Rodas de conversa.

Tatiane Geralda André ⁱ
Universidade de São
Paulo, Brasil.

Milena de Lucca ⁱⁱ
Universidade de São
Paulo, Brasil.

Veronica Estruch-García ⁱⁱⁱ
Universitat de
València, Espanha

María Dolores Gil-Llario ^{iv}
Universitat de
València, Espanha

Lucila Castanheira
Nascimento ^v
Universidade de São
Paulo, Brasil.

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade é um aspecto essencial do desenvolvimento humano, com papel central na formação da identidade, na construção de relacionamentos interpessoais e no bem-estar emocional (Roden et al., 2020). No caso de crianças e adolescentes autistas, essa dimensão assume características únicas, dadas as particularidades do desenvolvimento social e comunicativo no espectro autista (Ballan, 2012).

O autismo é compreendido, neste estudo, como uma condição do

neurodesenvolvimento que resulta em formas diversas de perceber, interagir e estar no mundo. Adota-se uma abordagem alinhada à perspectiva da neurodiversidade, que reconhece o autismo como uma variação natural da experiência humana (Silverman, 2015; Kapp, 2020). Essa abordagem considera que os desafios enfrentados por pessoas autistas não derivam apenas de suas características individuais, mas, também, das barreiras ambientais, sociais e atitudinais que limitam a participação plena na sociedade (Organização das Nações Unidas, 2006). Inserida nesse contexto ampliado de desenvolvimento humano, a educação sexual deve ser compreendida como um direito fundamental que contribui para a construção da autonomia, da autoestima, da proteção contra violências e do exercício da cidadania sexual (Organização das Nações Unidas, 2006).

Nesse sentido, a concepção de educação sexual adotada neste estudo busca ir além de uma perspectiva meramente preventiva, centrada na proteção contra o abuso sexual. Embora a prevenção seja um componente fundamental, entende-se que a sexualidade deva ser abordada como parte integrante do desenvolvimento humano, abarcando dimensões afetivas, cognitivas, relacionais, éticas e corporais. Essa visão está em consonância com diretrizes internacionais como o Marco de Educação em Sexualidade da UNESCO (2018), que propõe uma abordagem baseada em direitos, respeito à diversidade e promoção da autonomia. Além disso, é importante destacar que a sexualidade se manifesta desde a infância e perpassa todo o ciclo de vida, sendo atravessada por aspectos emocionais, sociais e culturais (Papalia & Feldman, 2013). Assim, uma educação sexual comprometida com o desenvolvimento integral deve reconhecer a criança, inclusive aquela com deficiência, como sujeito de direitos, com necessidades legítimas de afeto, informação, cuidado e expressão (World Health Organization Regional Office for Europe & Federal Centre for Health Education, 2010).

Essa abordagem metodológica, baseada na escuta qualificada, facilita a implementação de um processo dialógico e, por conseguinte, fortalece a construção de um entendimento compartilhado, com mais oportunidades para que pais e cuidadores adquiram conhecimentos e desenvolvam habilidades práticas (Minetto & Medina, 2017; Pinheiro, 2020; Antúñez et al., 2021). Dessa forma, as rodas de conversa não apenas promovem a troca de experiências como contribuem para a resolução colaborativa de desafios no contexto da sexualidade e do autismo (Minetto & Medina, 2017; Pinheiro, 2020).

Nesse sentido, o presente relato de experiência tem como objetivo descrever o uso de rodas de conversa como estratégia de educação sexual para famílias de crianças e adolescentes autistas.

2. MÉTODO

2.1. TIPO DE ESTUDO

Estudo qualitativo, no formato de Relato de Experiência (RE), com o intuito de descrever o uso da roda de conversa como estratégia para abordar temas

relacionados à sexualidade no contexto do autismo.

O RE é uma modalidade de pesquisa qualitativa que se constrói a partir da memória e da reflexão do relator sobre um acontecimento vivido. Trata-se de um trabalho narrativo que descreve, elabora e ressignifica a experiência, sendo atravessado por subjetividades, crenças e posições do sujeito no mundo (Daltro & Faria, 2019). O RE, portanto, não se limita a uma descrição factual, mas promove um processo interpretativo e compreensivo, em que o pesquisador articula suas vivências com referenciais teóricos e metodológicos diversos (Daltro & Faria, 2019; Mussi et al., 2021).

2.2. LUGAR DA EXPERIÊNCIA

Nesse contexto, a experiência prática da pesquisadora principal (primeira autora) em atividades voluntárias contribui de maneira significativa para a construção deste relato. Atualmente, essa pesquisadora atua como profissional voluntária em três associações de apoio a pessoas autistas, localizadas nos estados de São Paulo e Minas Gerais, Brasil. Essas associações, de caráter filantrópico, foram fundadas por pais de pessoas autistas com o objetivo de promover melhorias na qualidade de vida desses indivíduos e de suas famílias. Foi no âmbito dessas instituições que foram desenvolvidas as rodas de conversa, como parte da iniciativa da pesquisadora. Durante conversas com as diretoras das associações, identificou-se a necessidade de abordar a temática da sexualidade com as famílias, uma vez que frequentemente surgiam dificuldades relacionadas a esse aspecto no contexto do espectro autista. A partir dessa constatação, foi proposta a criação de rodas de conversa, concebidas como espaços de troca, nos quais os participantes poderiam compartilhar dúvidas, experiências, sugestões e estratégias, além de aprenderem de forma colaborativa (Luna et al., 2020).

2.3 ESTRATÉGIA UTILIZADA: RODAS DE CONVERSA

2.3.1. JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA METODOLÓGICA

As rodas de conversa, por seu caráter dialógico, configuram-se como uma metodologia qualitativa de natureza participativa, apropriada para favorecer a expressão, o debate e a construção coletiva de sentidos (Luna et al., 2020). Nesta experiência, foram utilizadas como estratégia educativa para mobilizar reflexões entre os participantes a partir de temas previamente definidos, permitindo que concordassem, discordassem e ampliassem os conteúdos com base em suas vivências.

2.3.2. PLANEJAMENTO DAS RODAS DE CONVERSA

A preparação das rodas seguiu três etapas principais: (1) definição da temática com base nos objetivos da proposta e nas demandas previamente identificadas; (2) elaboração de materiais de apoio, como vídeos, apresentações em PowerPoint, pictogramas e histórias sociais, adaptados ao perfil dos participantes; e (3) realização dos encontros com mediação ativa, respeitando os

tempos e modos de participação de cada participante.

Trata-se de uma abordagem aplicável em contextos educativos e de saúde, tanto formais quanto informais, por promover um ambiente de escuta, reflexão crítica e construção coletiva do conhecimento. Quando utilizadas de forma planejada, essas rodas permitem abordar temas complexos, como sexualidade, diversidade e inclusão, de maneira acessível, respeitosa e dialógica, no sentido de favorecer o protagonismo dos participantes envolvidos. Em espaços escolares, por exemplo, podem ser inseridas como estratégia complementar em projetos de educação em saúde, educação sexual ou convivência ética (Peretta et al., 2019).

No entanto, adotá-las demanda cuidados específicos. É fundamental que o(a) facilitador(a) tenha formação adequada, sensibilidade para lidar com temas complexos e habilidade para conduzir processos participativos. Além disso, deve-se atentar à linguagem utilizada, adaptando-a à faixa etária, aos níveis de compreensão e às especificidades do grupo (por exemplo, pessoas neurodivergentes, com deficiência ou em situação de vulnerabilidade social). O planejamento das rodas deve prever a preparação de materiais, a delimitação clara dos temas a serem abordados e a construção prévia de pactos de convivência, para assegurar um espaço seguro, ético e inclusivo.

2.3.3. DESENVOLVIMENTO DAS RODAS DE CONVERSA

As rodas foram realizadas de forma presencial, com duração média de 90 minutos, em três instituições distintas. Cada instituição sediou dois encontros, num total de seis rodas de conversa. A mediação foi conduzida pela pesquisadora principal, com experiência em grupos educativos voltados a famílias de pessoas com deficiência, a qual manteve escuta qualificada e enfoque centrado no diálogo.

Para a construção deste relato foram utilizadas as anotações da pesquisadora, que, durante e após cada roda de conversa, registrava suas observações sobre os principais temas discutidos, dúvidas frequentes e estratégias compartilhadas, bem como o *feedback* das experiências proporcionadas aos cuidadores.

2.3.4. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Este relato de experiência tem como base as vivências diretas da pesquisadora principal. Ainda que não tenha havido coleta sistemática de dados nem utilização de falas identificáveis, todas as ações foram norteadas por princípios éticos fundamentais, como o respeito à autonomia, à dignidade e à privacidade dos participantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE RODA DE CONVERSA SOBRE SEXUALIDADE NO CONTEXTO DO AUTISMO

A primeira autora, responsável por conduzir as rodas de conversa, possui sólida formação acadêmica e vasta experiência nacional e internacional. Ela é bacharel e licenciada em Enfermagem, mestre em Enfermagem, especialista em autismo e atualmente doutoranda em Ciências, desenvolvendo uma tese na área de comunicação sobre sexualidade e autismo. Com mais de dez anos de experiência em pesquisa, nos últimos cinco anos, sua trajetória tem se concentrado em estudos sobre sexualidade, autismo e família, áreas nas quais se tem destacado pela profundidade e relevância de suas contribuições (André et al., 2020, 2022a, 2022b, 2024, 2025).

Além disso, como enfermeira licenciada, acumula significativa experiência em atividades educativas voltadas para famílias, profissionais da saúde e da educação. Sua atuação inclui o desenvolvimento de atividades educativas em diferentes contextos, desde ambientes hospitalares até comunidades locais, as quais fornecem insights valiosos sobre os desafios enfrentados por diferentes públicos e ampliam a compreensão sobre a importância de abordagens alinhadas às necessidades reais. Essas experiências a motivam a continuar aprimorando seu trabalho, agora no campo da sexualidade e suporte a famílias de crianças e adolescentes autistas.

Para garantir que as rodas de conversa atendessem às reais necessidades dessas famílias, realizou-se um processo de exploração prévia, conduzido pelas associações, com o objetivo de identificar as principais dúvidas e preocupações a respeito da sexualidade no contexto do autismo. Essa etapa foi primordial para direcionar os temas dos encontros e assegurar que estivessem alinhados às demandas dos cuidadores. Considerar as necessidades das famílias é fundamental para tornar as discussões mais eficazes e pertinentes, promovendo um ambiente de aprendizado mais produtivo e engajador (Brown & Di Lallo, 2020; Di Lallo et al., 2021). Dessa forma, a abordagem adotada não apenas fortaleceu a relevância dos temas discutidos como contribuiu para a construção de um espaço de diálogo mais acolhedor e significativo.

A exploração ocorreu por meio de conversas informais e relatos espontâneos dos pais e cuidadores, que compartilharam seus medos e inquietações sobre o tema. Entre os tópicos mais mencionados, estavam a prevenção da violência sexual, o ensino sobre privacidade e limites corporais, o manejo de comportamentos sexuais e a promoção da autonomia e do autocuidado. De acordo com a literatura, embora esses temas sejam identificados pelos pais como prioritários e os mais preocupantes, eles são, na prática, os menos abordados no contexto de famílias de crianças e adolescentes autistas (Ballan, 2012; Gil-Llario et al., 2021; Torralbas-Ortega et al., 2025).

Posteriormente, foi realizado um convite aberto ao público por meio das redes sociais, utilizando um post específico, que ilustra o modelo de divulgação adotado (Figura 1), com o intuito de ampliar o alcance da iniciativa. O convite não foi restrito às famílias vinculadas às associações, mas sim direcionado a todos com interesse no tema, incluindo outros cuidadores, profissionais da saúde, educadores e pessoas envolvidas no cuidado de crianças e adolescentes autistas.

Figura 1
Modelo de divulgação adotado



Nota. Elaboração própria.

3.2. ESTRUTURA DAS RODAS DE CONVERSA

Com base nas informações resgatadas, a estrutura das rodas de conversa foi delineada, de modo a priorizar uma abordagem participativa e interativa, que valorizasse a experiência dos próprios cuidadores e proporcionasse um espaço seguro para troca de conhecimentos e estratégias. Dessa forma, os participantes foram organizados em círculos, para oferecer um ambiente no qual todos pudessem se olhar diretamente e, assim, tornar o contato mais dinâmico e acolhedor (Brodyn et al., 2022). Estudos enfatizam o papel das rodas de conversa na construção de narrativas entre os participantes, no sentido de estabelecer um espaço de trocas onde o pesquisador atua tanto como integrante do diálogo quanto na coleta de dados. Nesse contexto, os autores ressaltam a importância de um ambiente que favoreça a escuta ativa, o intercâmbio de experiências e a valorização das particularidades de cada relato (Pinheiro, 2020).

Wolf e Welton (2005) sugerem que as rodas de conversa devem seguir alguns padrões básicos, tais como: criar um espaço sagrado, apresentar a finalidade e os objetivos, realizar uma rodada de apresentação e encerrar o círculo, sempre tendo em mente que esse formato deve ser flexível para se adaptar às necessidades e aos temas que mais preocupam os participantes (Wilson, 2013). Nesse contexto, as rodas de conversa foram organizadas da seguinte forma:

(1) Acolhimento e apresentação: no início de cada roda, a pesquisadora apresentava os objetivos e o tema a ser tratado, além de esclarecer as regras de participação, como o respeito às opiniões alheias e a confidencialidade das conversas. Também reforçava que aquele era um espaço seguro para compartilhar experiências. Em seguida, os participantes eram convidados a se apresentarem e a expressarem suas expectativas em relação ao tema.

- (2) Discussão de tópicos: a definição dos tópicos abordados foi baseada nas demandas identificadas pelas associações por meio de consultas exploratórias prévias com as famílias. Esse processo garantiu que os temas fossem pertinentes e ajustados às necessidades específicas dos participantes, além de incluir tópicos considerados essenciais para a abordagem da sexualidade no contexto do autismo (Tabela 1).
- (3) Troca de experiências: as famílias eram incentivadas a compartilhar vivências, dúvidas e estratégias que já haviam utilizado.
- (4) Encerramento: cada sessão terminava com uma síntese dos principais pontos discutidos e sugestões de recursos ou leituras complementares.

Tabela 1
Tópicos abordados

Roda de conversa	Tópicos abordados
1	Autismo e sexualidade Autocuidado e comportamentos sexuais
2	Prevenção da violência sexual Estratégias para abordar a sexualidade com crianças e adolescentes autistas

Nota: Elaboração própria.

3.3. RECURSOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS UTILIZADAS

Para tornar as discussões mais acessíveis e dinâmicas, foram utilizados recursos pedagógicos e estratégias participativas, com o objetivo de facilitar a compreensão dos temas abordados e estimular a troca de experiências entre os participantes, reconhecendo que falar sobre sexualidade é uma tarefa desafiadora. Segundo estudos, pais de autistas, em particular, apresentam atitudes ambivalentes, ansiosas e confusas em relação à sexualidade de seus filhos, relatando um conhecimento limitado sobre o tema e sentindo-se insuficientes para fornecer informações adequadas (Tutar Güven & İşler, 2015; Belakbir et al., 2024). Além disso, muitos mencionam não saber como abordar o assunto de acordo com a faixa etária de seus filhos (Mackin et al., 2016).

Considerando os desafios apontados na literatura, optou-se por utilizar os seguintes recursos:

1. **Materiais audiovisuais**

■ Vídeos curtos e explicativos sobre prevenção da violência sexual, selecionados a partir de canais do YouTube.

■ Apresentações em PowerPoint, elaboradas pela pesquisadora, com slides curtos e objetivos para reforçar os conteúdos discutidos.

2. **Apoios visuais adaptados**

■ Pictogramas, histórias sociais e guias visuais, selecionados de sites especializados em autismo, utilizados como ferramentas para que as famílias pudessem aplicar no dia a dia.

3. Discussões em grupo

- Momentos de troca entre os participantes, incentivados por perguntas reflexivas e práticas, para que compartilhassem experiências e estratégias. Exemplos de perguntas utilizadas: *O que é educação sexual?*; *Como enfrentar as perguntas sobre sexualidade de crianças e adolescentes?*; *Quais são os principais desafios ao falar sobre esse tema com seu filho(a)?*

4. Atividades interativas

- Dinâmicas voltadas à internalização dos temas abordados, para promover a construção coletiva de soluções e estratégias personalizadas para lidar com os desafios apresentados. Um exemplo foi a atividade "Mitos e verdades", na qual os participantes recebiam afirmações relacionadas à sexualidade e, em grupo, discutiam se eram verdadeiras ou falsas, justificando suas respostas.

A combinação dessas abordagens contribuiu para um aprendizado mais significativo e para a criação de um ambiente acolhedor, no qual as famílias puderam sentir-se à vontade para expor suas dúvidas e dificuldades. A participação de um membro compartilhando suas questões incentivava os demais a fazerem o mesmo, por sentirem que não estavam sozinhos em suas experiências.

4. RODAS DE CONVERSA COMO ESPAÇO DE ESCUTA, TROCA E EMPODERAMENTO SOBRE SEXUALIDADE: IMPLEMENTAÇÃO

4.1. INTERLOCUTORES DA EXPERIÊNCIA

Ainda que este relato não se proponha a descrever o perfil dos participantes, é relevante contextualizar, de forma geral, as pessoas com as quais a experiência foi construída. As rodas de conversa ocorreram com a participação voluntária de mães de crianças e adolescentes autistas, convidadas a partir de vínculos estabelecidos com as instituições. As interações foram marcadas pela escuta mútua, pelo compartilhamento de vivências e pela construção coletiva de sentidos, o que conferiu riqueza e profundidade à experiência aqui relatada. As contribuições dessas interlocutoras foram fundamentais para o percurso reflexivo da pesquisadora, por promoverem deslocamentos, aprendizados e ressignificações ao longo do processo.

4.2. SILÊNCIOS, DESCONFORTOS E RESISTÊNCIAS: BARREIRAS INICIAIS PARA O DIÁLOGO SOBRE SEXUALIDADE

Logo no início das rodas de conversa, foi possível observar uma resistência significativa por parte dos cuidadores em compartilhar suas vivências relacionadas à sexualidade dos filhos autistas. Predominaram sentimentos de vergonha, medo do julgamento e receio de exposição, observados por silêncios prolongados e hesitações nas falas. Essa relutância inicial reflete um fenômeno já documentado na literatura: pais e cuidadores enfrentam dificuldades em abordar a sexualidade com seus filhos, especialmente em contextos marcados por estigmas sociais, construções morais rígidas e ausência de

suporte institucional (De Tilio, 2017; Silva & De Tilio, 2021).

No caso das famílias de pessoas autistas, essas barreiras se potencializam diante da tendência à infantilização e negação da sexualidade dessas crianças e adolescentes, o que contribui para a omissão ou abordagem superficial do tema no cotidiano familiar (De Tilio, 2017). Essa postura é sustentada, muitas vezes, por um discurso protetivo, que busca evitar o “sofrimento” da criança diante de assuntos considerados complexos ou inadequados, mas que acaba por comprometer a autonomia e o direito à informação.

A resistência observada nas rodas não pode ser lida apenas como falta de interesse ou descuido dos cuidadores, mas sim como expressão de marcas culturais profundas. Isso inclui valores religiosos, normas de gênero e concepções capacitistas, que historicamente afastaram as pessoas com deficiência dos discursos sobre sexualidade (Graham Holmes et al., 2020; Torralbas-Ortega et al., 2023).

Importante destacar que a sexualidade, no contexto brasileiro, é permeada por construções culturais e religiosas que historicamente influenciam as práticas educativas, os discursos sociais e as atitudes parentais. Em muitas famílias, especialmente naquelas inseridas em contextos marcados por religiosidade conservadora, a sexualidade ainda é tratada como um tema tabu, cercado por silêncio, culpa e repressão moral (Brandão & Cabral, 2019). Essa influência cultural se manifesta na forma como pais e cuidadores compreendem e mediam o desenvolvimento sexual de seus filhos, associando a sexualidade a riscos, desvios ou comportamentos proibidos.

Além disso, o discurso religioso, presente em grande parte das famílias brasileiras, pode reforçar normas morais restritivas e desvalorizar abordagens educativas baseadas em direitos, autonomia e diversidade (Bastos et al., 2017). Diante disso, torna-se fundamental reconhecer o papel dessas influências na forma como a sexualidade é (ou não) abordada no ambiente familiar, especialmente no caso de famílias de pessoas autistas, para que estratégias educativas possam ser mais contextualizadas e culturalmente situadas.

Por fim, estudos ressaltam a importância de programas especializados de educação sexual para cuidadores de crianças e adolescentes autistas, com o objetivo de oferecer suporte adequado para o desenvolvimento de habilidades e a superação dessas barreiras existentes (Estruch García et al., 2023; André et al., 2024).

4.3. RECONHECIMENTO MÚTUO E FORTALECIMENTO DOS VÍNCULOS: O GRUPO COMO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO E ESCUTA

À medida que as rodas de conversa avançavam, a resistência inicial dos participantes dava lugar a um movimento de abertura e engajamento mais ativo. Esse processo foi impulsionado pela percepção de que estavam num espaço seguro, cercado por pessoas que compartilhavam vivências semelhantes e que não os julgariam. O sentimento de pertencimento favoreceu o surgimento de vínculos entre os cuidadores e validou o grupo como um lugar de acolhimento, escuta empática e validação das experiências individuais, tal como descrito em outros estudos (Neiva et al., 2024).

Durante o desenvolvimento das rodas de conversa, foi possível

observar que os participantes assumiram diferentes papéis diante das necessidades que surgiram durante as discussões, o que esteve positivamente alinhado à autonomia e à responsabilidade dos cuidadores, que buscavam se apropriar do tema de maneira mais ativa e envolvente. A dedicação de alguns nas trocas de experiências e a curiosidade para explorar diferentes aspectos do tema surpreenderam a pesquisadora, que, embora desejasse tais resultados, não imaginava um envolvimento tão espontâneo e natural.

O fortalecimento das relações interpessoais possibilitou trocas mais fluidas e profundas, de modo que as emoções puderam ser compartilhadas sem constrangimento. Nesse contexto, surgiram manifestações de solidariedade, apoio emocional e reconhecimento mútuo, especialmente em momentos de maior vulnerabilidade, como nos relatos de violência sexual sofrida por mães ou seus filhos autistas. Diante dessas situações, o grupo respondeu com escuta ativa, acolhimento e empatia, enquanto a pesquisadora, em seu papel de facilitadora, atuou de forma ética ao oferecer suporte imediato e encaminhamentos adequados.

Por outro lado, foi importante observar a solidariedade manifestada pelos participantes entre si. Mesmo diante de adversidades, como dificuldade em abordar determinados aspectos do tema ou hesitação em compartilhar experiências, eles mostraram-se dispostos a ajudar uns aos outros, o que favoreceu as relações interpessoais. A literatura menciona que a participação em grupos melhora a compreensão de tópicos delicados, como sexualidade. As atividades em grupo criam um ambiente favorável onde os indivíduos podem compartilhar experiências e aprender uns com os outros (Pérez-Hernando & Fuentes-Peláez, 2020; Wong, 2024).

A experiência demonstrou que o vínculo criado entre os participantes reduziu o desconforto inicial e gerou uma atmosfera de confiança, capaz de sustentar discussões sobre temas delicados. A escuta mútua e o reconhecimento das trajetórias individuais foram fundamentais para a emergência de um campo coletivo de aprendizagem e reconstrução de saberes.

4.4. Dúvidas recorrentes e lacunas de orientação: Os desafios cotidianos enfrentados pelas famílias

Ao longo das rodas de conversa, surgiram dúvidas concretas frequentes relacionadas ao comportamento sexual de crianças e adolescentes autistas e à forma mais adequada de abordá-los. Um dos temas mais recorrentes foi a masturbação em locais públicos. A angústia de uma mãe, ao relatar a dificuldade em lidar com o comportamento do filho de 12 anos que se masturbava fora de casa, ilustra o quanto essas situações desafiam os cuidadores a equilibrar compreensão, proteção e orientação, num contexto em que ainda predominam o tabu e a desinformação.

De acordo com estudos, pessoas autistas enfrentam desafios na compreensão e interpretação de normas sociais implícitas, especialmente aquelas relacionadas ao comportamento sexual e aos limites entre o público e o privado (Dewinter et al., 2017; Torralbas-Ortega et al., 2023). Esses desafios estão associados a particularidades no funcionamento cognitivo e comunicacional, como a literalidade, os desafios na leitura de sinais sociais e a limitação de repertórios para compreender convenções sociais não verbalizadas (Parchomiuk, 2019; Gray et al., 2021). Em contextos em que tais regras não são explicitamente ensinadas, comportamentos como toques íntimos

em público podem ser interpretados como inadequados, ainda que, para o indivíduo autista, estejam desvinculados de qualquer intenção provocativa ou transgressora (Mello et al., 2024).

A masturbação, por sua vez, é uma das formas mais frequentes de expressão da sexualidade entre autistas, presente desde a adolescência ou mesmo em idades mais precoces (Hellemans et al., 2007; Dewinter et al., 2017). No entanto, quando ocorre em espaços públicos ou em situações sociais, costuma gerar desconforto em familiares e cuidadores, tanto pelo julgamento externo quanto pela falta de recursos para abordar a questão com clareza e acolhimento (Dewinter et al., 2017; Torralbas-Ortega et al., 2023). Diante disso, é fundamental compreender que tais comportamentos não devem ser reprimidos de forma punitiva, mas sim mediados com estratégias educativas adequadas, considerando o desenvolvimento neurocognitivo da pessoa autista e sua necessidade de orientação explícita sobre os limites sociais e corporais (André et al., 2020; Gil-Llario et al., 2021). A ausência de apoio nesse processo contribui para o silenciamento do tema no ambiente familiar e reforça barreiras ao exercício de uma sexualidade segura, respeitosa e compatível com os direitos das pessoas neurodivergentes.

Além da insegurança sobre como agir diante de comportamentos específicos, muitos participantes expressaram sentimentos de medo, confusão e solidão, associados à ausência de apoio institucional e à dificuldade de acesso a recursos confiáveis. Uma das mães chegou a relatar que se sentia perdida, sem saber a quem recorrer, o que evidenciou uma carência importante de canais de acolhimento, profissionais capacitados e materiais educativos voltados para essa temática no contexto do autismo.

Essas lacunas comprometem a capacidade das famílias de exercer um cuidado proativo. A falta de orientação adequada é fator determinante para o adiamento ou omissão da abordagem da sexualidade com filhos neurodivergentes (Wang et al., 2025). Além disso, aspectos como o julgamento social, os valores culturais internalizados e o medo de expor os filhos a experiências negativas agravam a insegurança dos cuidadores (Brandão & Cabral, 2019).

Outro ponto importante diz respeito à vulnerabilidade de pessoas autistas à violência sexual. Crianças com transtornos mentais e/ou deficiências, incluindo o autismo, são mais vulneráveis à violência sexual. Investigações com cuidadores de autistas revelaram que 16,6% dos cuidadores relataram violência sexual em seus filhos (Mandell et al., 2005). Por outro lado, pesquisa recente mostrou que indivíduos autistas enfrentam um risco significativamente maior de violência sexual, com até 90% deles sendo vítimas (Douglas & Sedgewick, 2024).

As características associadas ao autismo, como formas distintas de comunicação, percepção de sinais sociais e interpretação de comportamentos, podem influenciar a maneira como algumas pessoas reconhecem e respondem a situações de violência nos relacionamentos (Douglas & Sedgewick, 2024). Este dado reforça a importância de trabalhar essas questões dentro das famílias, a fim de proporcionar apoio contínuo aos cuidadores para que possam apoiar seus filhos de forma efetiva. Programas de intervenção especializados para os cuidadores e para seus filhos são essenciais, pois ajudam a desenvolver habilidades para reconhecer sinais de violência e criar um ambiente seguro e acolhedor (André et al., 2024).

4.5. ESTRATÉGIAS PRÁTICAS E OPORTUNIDADES DE EMPODERAMENTO: CONSTRUINDO CAMINHOS NO COLETIVO

A roda de conversa proporcionou um espaço valioso para o compartilhamento de estratégias práticas entre as mães, as quais puderam relatar abordagens por elas consideradas eficazes em suas próprias experiências.

Entre as práticas mencionadas, destacou-se o uso de recursos lúdicos, como o relato de uma mãe que utilizava um ursinho de pelúcia para introduzir conversas sobre sexualidade com seu filho. Outras participantes mencionaram o emprego de reforçadores positivos para ensinar limites e comportamentos socialmente adequados. Essas estratégias surgiram como formas de adaptação às necessidades específicas das crianças, demonstrando a capacidade inventiva e o protagonismo das famílias.

Além das trocas espontâneas entre os participantes, a pesquisadora também atuou como facilitadora do empoderamento, ao apresentar materiais educativos acessíveis, como histórias sociais, pictogramas e vídeos com linguagem visual, que contribuem para a mediação de temas complexos junto a pessoas com autismo. Tais ferramentas, desenvolvidas com intencionalidade pedagógica e adequadas às características cognitivas dos filhos, foram recebidas com interesse pelos cuidadores, que relataram não conhecer esses recursos previamente.

Importante mencionar que a roda de conversa não se limitou a oferecer estratégias práticas para os temas mencionados anteriormente, os quais foram utilizados como um modelo para demonstrar como as dúvidas e os problemas dos participantes eram resolvidos em grupo. O foco foi sempre promover um ambiente de apoio e troca de experiências, onde os caminhos eram construídos coletivamente e, assim, facilitavam a comunicação e a compreensão de temas difíceis (Hebert et al., 2020).

Corroborando estudos prévios, a experiência reforça que rodas de conversa não são apenas estratégias de coleta de dados, mas também ferramentas de intervenção educativa e emocional (Adamy et al., 2018; Hebert et al., 2020). Assim, a experiência com rodas de conversa mostrou-se uma boa estratégia para educar, informar e empoderar pais e cuidadores sobre a sexualidade no contexto do autismo. Esse modelo não apenas ampliou a compreensão sobre temas sensíveis como criou um espaço seguro para reflexão e diálogo, fortalecendo a rede de apoio entre os participantes (Sampaio et al., 2014).

Por fim, embora as rodas de conversa tenham sido a principal estratégia explorada neste relato para a promoção de uma educação sexual inclusiva, reconhece-se que sua efetividade pode ser potencializada por meio da articulação com outras abordagens pedagógicas. Dentre elas, destacam-se os recursos de literatura acessível e os materiais educativos adaptados, desenvolvidos com intencionalidade didática e sensibilidade às particularidades cognitivas e comunicacionais de crianças e adolescentes autistas. Livros ilustrados, histórias sociais, vídeos educativos com linguagem simples e pictogramas são exemplos de ferramentas que, utilizadas de forma planejada, podem ampliar a compreensão, estimular o diálogo familiar e reforçar conteúdos abordados em práticas grupais (ARASAAC (s.d.); Silva et al., 2020). A integração dessas estratégias contribui para a construção de percursos formativos mais significativos, acessíveis e respeitosos à neurodiversidade,

alinhando-se às diretrizes de uma educação sexual emancipatória e baseada em direitos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre sexualidade é, sem dúvida, um tema desafiador, especialmente quando se trata da sexualidade no espectro autista, um assunto repleto de mitos e tabus. Inicialmente, houve resistência por parte dos participantes. No entanto, à medida que viam outros compartilhando suas experiências, começaram a sentir-se mais à vontade e dispostos a participar. Neste contexto, as rodas de conversa mostraram-se uma boa estratégia para promover a educação sexual no contexto do autismo. Por meio de um ambiente acolhedor e participativo, foi possível fortalecer a confiança dos cuidadores, desmistificar tabus e oferecer ferramentas práticas para lidar com questões no âmbito da sexualidade no espectro.

Recomenda-se a expansão dessas iniciativas para diferentes contextos e comunidades, bem como a realização de avaliações de impacto a longo prazo, com o objetivo de mensurar mudanças nas práticas familiares e na qualidade de vida das crianças e adolescentes autistas. Estudos qualitativos são necessários para aprofundar a compreensão das necessidades específicas dessas famílias e identificar estratégias eficazes de apoio.

A inclusão de outros profissionais, como psicólogos, pode enriquecer ainda mais as discussões e o suporte oferecido, proporcionando uma abordagem multidisciplinar e mais robusta. Tais estratégias são fundamentais para a promoção de uma educação sexual inclusiva e adaptada, que contribua para a proteção e o bem-estar de crianças e adolescentes autistas, além de fortalecer a rede de apoio às famílias.

Como se trata de um relato de experiência, os resultados apresentados são derivados da observação direta, das percepções da pesquisadora e das interações ocorridas durante as rodas de conversa. A ausência de instrumentos padronizados de avaliação da efetividade da metodologia adotada configura uma limitação do estudo, na medida em que impossibilita a mensuração objetiva dos impactos da intervenção. Futuras experiências podem beneficiar-se da incorporação de instrumentos complementares que permitam avaliar de forma mais sistematizada os resultados obtidos, especialmente quando o objetivo é analisar a eficácia da metodologia aplicada em contextos educativos e familiares.

AUTORIA DO ARTIGO

Contribuições dos autores: Conceptualização, TGA; Metodologia, TGA, ML; Escrita do rascunho original, TGA, ML, VSG, MDGL, LCN; Escrita das revisões e correções, TGA, ML, VSG, MDGL, LCN; Supervisão, MDGL, LCN. Todos os autores leram e concordam com a publicação da versão deste manuscrito.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não existirem conflitos de interesses externos, diretos ou indiretos, pessoais ou financeiros relacionados com o presente artigo.

AGRADECIMENTOS

Expressamos nossa gratidão às instituições que viabilizaram esta pesquisa, oferecendo apoio estrutural e interesse. Sem o apoio dessas entidades, o desenvolvimento deste trabalho não teria sido possível.

Agradecemos, especialmente, a todas as famílias atípicas pelo interesse e participação nas rodas de conversa. Sem a colaboração de cada uma dessas famílias, este estudo não faria sentido.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

Adamy, E. K., Zocche, D. A. A., Vendruscolo, C., Santos, J. L. G., & Almeida, M. A. (2018). Validation in grounded theory: Conversation circles as a methodological strategy. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(6), 3121–3126. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0488>

André, T. G., Valdez-Montero, C., Márquez-Vega, M. A., Ahumada-Cortez, J. G., & Gámez-Medina, M. E. (2020). Communication on sexuality between parents and adolescents with autism spectrum disorder: A systematic review. *Sexuality and Disability*, 38(2), 217–229. <https://doi.org/10.1007/s11195-020-09628-1>

André, T. G., Valdez-Montero, C., Silva Dutra, H., Ahumada-Cortez, J. G., & Gámez-Medina, M. E. (2022a). Comunicación sexual en padres de hijos con trastorno del espectro autista. *Siglo Cero: Revista Española sobre Discapacidad Intelectual*, 53(2), 9–20. <https://doi.org/10.14201/scero2022532920>

André, T. G., Caudillo Ortega, L., Valdez Montero, C., Díaz Manchay, R. J., & Nascimento, L. C. (2022b). Percepción de los padres acerca de la comunicación sobre sexualidad de sus hijos con trastorno del espectro autista. *Index de Enfermería*, 31(4), 255–259. <https://doi.org/10.58807/indexenferm20225212>

André, T. G., Machado-Kayzuka, G. C. C., Quinava, S. C., Barbosa, N. G., Alvarenga, M. R. M., Fontoura-Junior, E. E., de Lucca, M., Valdez-Montero, C., Gil-Llario, M. D., & Nascimento, L. C. (2024). Educational interventions on sexuality for parents of children and adolescents with intellectual disabilities: An integrative review. *Sexuality and Disability*, 42(2), 415–437. <https://doi.org/10.1007/s11195-023-09825-8>

André, T. G., Valdez-Montero, C., Caudillo-Ortega, L., & Ahumada-Cortez, J. G. (2025). Factors related to sexual communication in parents of Mexican autistic children and adolescents. *Sexuality and Disability*, 43(2), Article 17. <https://doi.org/10.1007/s11195-025-09894-x>

Antúñez, A. E. A., Colagrossi, A. L. R., Colombo, E. R., Zolty, F., & Silva, N. H. L. P. da. (2021). Rodas de conversa na universidade pública durante a pandemia COVID-19: Educação e saúde mental. *Construção Psicopedagógica*, 30(31), 6–18. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542021000200002&script=sci_abstract&tlng=pt

ARASAAC. (s.d.). *Web Centro Aragonés para la Comunicación Aumentativa y Alternativa*. <https://arasaac.org>

Ballan, M. S. (2012). Parental perspectives of communication about sexuality in families of children with autism spectrum disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 42(5), 676–684. <https://doi.org/10.1007/s10803-011-1293-y>

Bastos, L. L., Ventura, M., & Brandão, E. R. (2017). Saúde sexual e reprodutiva, conservadorismo religioso e acesso a medicamentos: Uma discussão sobre a estratégia global de advocacy do Consórcio Internacional sobre Contracepção de Emergência. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, (26), 306–327. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2017.26.15.a>

Belakbir, O., El Maataoui, Z., Rafi, S., Tbatou, L., & Kisra, H. (2024). Sexuality and gender issues in autistic youth: A series of 6 cases and a literature review. *Scholars Journal of Medical Case Reports*, 12(10), 1688–1691. <https://doi.org/10.36347/sjmcr.2024.v12i10.017>

Brandão, E. R., & Cabral, C. da S. (2019). Sexual and reproductive rights under attack: The advance of political and moral conservatism in Brazil. *Sexual and Reproductive Health Matters*, 27(2), 76–86. <https://doi.org/10.1080/26410397.2019.1669338>

Brodyn, A., Lee, S. Y., Futrell, E., Bennett, I., Bouris, A., Jagoda, P., & Gilliam, M. (2022). Body mapping and story circles in sexual health research with youth of color: Methodological insights and study findings from Adolescent X, an art-based research project. *Health Promotion Practice*, 23(4), 594–608. <https://doi.org/10.1177/15248399211039796>

Brown, M. A., & Di Lallo, S. (2020). Talking circles: A culturally responsive evaluation practice. *American Journal of Evaluation*, 41(3), 367–383. <https://doi.org/10.1177/1098214019899164>

Daltro, M. R., & Faria, A. A. de. (2019). Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(1), 223–237. <https://doi.org/10.12957/epp.2019.43015>

De Tilio, R. (2017). Transtornos do Espectro Autista e sexualidade: Um relato de caso na perspectiva do cuidador. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 7(1), 36–58. <https://doi.org/10.26864/v7n1.2>

Dewinter, J., Van Parys, H., Vermeiren, R., & van Nieuwenhuizen, C. (2017). Adolescent boys with an autism spectrum disorder and their experience of sexuality: An interpretative phenomenological analysis. *Autism*, 21(1), 75–82. <https://doi.org/10.1177/1362361315627134>

Di Lallo, S., Schoenberger, K., Graham, L., Drobot, A., & Arain, M. A. (2021). Building bridges for Indigenous children's health: Community needs assessment through talking circle methodology. *Risk Management and Healthcare Policy*, 14,

3687–3699. <https://doi.org/10.2147/rmhp.s275731>

Douglas, S., & Sedgewick, F. (2024). Experiences of interpersonal victimization and abuse among autistic people. *Autism*, 28(7), 1732–1745. <https://doi.org/10.1177/13623613231205630>

Estruch García, V., Ortas Barajas, F., Cervigón Carrasco, V., Andreu Casas, M., & Gil Llario, M. D. (2023). Resultados preliminares de la eficacia de un programa de educación-afectivo sexual para personas con trastorno del desarrollo intelectual moderado. *Revista INFAD de Psicología: International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(1), 399–408. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2023.n1.v1.2541>

Gil-Llario, M. D., Estruch-García, V., & Fernández-García, O. (2021). Resultados preliminares de la eficacia del programa saludiversex de educación afectivo-sexual para adultos con diversidad funcional intelectual. *Revista INFAD de Psicología: International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(1), 427–436. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2021.n1.v1.2080>

Gray, S., Kirby, A. V., & Holmes, L. G. (2021). Autistic narratives of sensory features, sexuality, and relationships. *Autism in Adulthood*, 3(3), 238–246. <https://doi.org/10.1089/aut.2020.0049>

Graham Holmes, L., Strassberg, D. S., & Himle, M. B. (2020). Family sexuality communication: Parent report for autistic young adults versus a comparison group. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 50(8), 3018–3031. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04398-3>

Hannah, L. A., & Stagg, S. D. (2016). Experiences of sex education and sexual awareness in young adults with autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 46(12), 3678–3687. <https://doi.org/10.1007/s10803-016-2906-2>

Hebert, L. E., Bansal, S., Lee, S. Y., Yan, S., Akinola, M., Rhyne, M., Menendez, A., & Gilliam, M. (2020). Understanding young women's experiences of gender inequality in Lucknow, Uttar Pradesh through story circles. *International Journal of Adolescence and Youth*, 25(1), 1–11. <https://doi.org/10.1080/02673843.2019.1568888>

Hellemans, H., Colson, K., Verbraeken, C., Vermeiren, R., & Deboutte, D. (2007). Sexual behavior in high-functioning male adolescents and young adults with autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 37(2), 260–269. <https://doi.org/10.1007/s10803-006-0159-1>

Kapp, S. K. (2020). Introduction. In S. K. Kapp (Ed.), *Autistic community and the neurodiversity movement: Stories from the frontline* (pp. 1–19). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-981-13-8437-0_1

Luna, W. F., Malvezzi, C., Teixeira, K. C., Almeida, D. T., & Bezerra, V. P. (2020). Identidade, cuidado e direitos: A experiência das rodas de conversa sobre a saúde dos povos indígenas. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 44(2), Article e067. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.2-20190309>

Mackin, M. L., Loew, N., Gonzalez, A., Tykol, H., & Christensen, T. (2016). Parent perceptions of sexual education needs for their children with autism. *Journal of Pediatric Nursing*, 31(6), 608–618. <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2016.07.003>

Maggio, M. G., Calatozzo, P., Cerasa, A., Pioggia, G., Quartarone, A., & Calabrò, R. S. (2022). Sex and sexuality in autism spectrum disorders: A scoping review on a neglected but fundamental issue. *Brain Sciences*, 12(11), Article 1427. <https://doi.org/10.3390/brainsci12111427>

Mandell, D. S., Walrath, C. M., Manteuffel, B., Sgro, G., & Pinto-Martin, J. A. (2005). The prevalence and correlates of abuse among children with autism served in comprehensive community-based mental health settings. *Child Abuse & Neglect*, 29(12), 1359–1372. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.06.006>

Mehzabin, P., & Stokes, M. A. (2011). Self-assessed sexuality in young adults with high-functioning autism. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 5(1), 614–621. <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2010.07.006>

Mello, M., Fusaro, M., Aglioti, S. M., & Minio-Paluello, I. (2024). Exploring social touch in autistic and non-autistic adults via a self-report body-painting task: The role of sex, social context and body area. *Autism*, 28(8), 1985–2001. <https://doi.org/10.1177/13623613231218314>

Minetto, M. de F., & Medina, G. B. K. (2017). Famílias em rodas de conversa sobre educar e incluir. *Revista INFAD de Psicología: International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 4(1), 87–96. <https://revista.infad.eu/index.php/IJODAEP/article/view/1030>

Mussi, R. F. de F., Flores, F. F., & Almeida, C. B. de. (2021). Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, 17(48), 60–77. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>

Neiva, L. C. J., Costa, S. S. D., & Santeiro, T. V. (2024). Sexualidade: Vamos falar sobre isso? Relato de um grupo operativo com universitárias. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 35, Article 1215. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v35.1215>

Organização das Nações Unidas. (2006). *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. UNICEF Brasil. <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia>

Parchomiuk, M. (2019). Sexuality of persons with autistic spectrum disorders (ASD). *Sexuality and Disability*, 37(2), 259–274. <https://doi.org/10.1007/s11195-018-9534-z>

Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano* (12.^a ed.). AMGH.

Pérez-Hernando, S., & Fuentes-Peláez, N. (2020). The potential of networks for families in the child protection system: A systematic review. *Social Sciences*, 9(5), Article 70. <https://doi.org/10.3390/socsci9050070>

Peretta, A. A. C. S., Oliveira, Í. W. M. de, & Lima, L. M. de. (2019). Roda de conversa sobre evasão: A psicologia escolar no ensino superior. *Psicologia Escolar e Educacional*, 23, Article e186484. <https://doi.org/10.1590/2175-35392019016484>

Pinheiro, L. R. (2020). Rodas de conversa e pesquisa: Reflexões de uma abordagem etnográfica. *Pro-Posições*, 31, Article e20190041. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-0041>

Roden, R. C., Schmidt, E. K., & Holland-Hall, C. (2020). Sexual health education for adolescents and young adults with intellectual and developmental disabilities: Recommendations for accessible sexual and reproductive health information. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 4(9), 699–708. [https://doi.org/10.1016/s2352-4642\(20\)30098-5](https://doi.org/10.1016/s2352-4642(20)30098-5)

Sampaio, J., Santos, G. C., Agostini, M., & Salvador, A. de S. (2014). Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: Uma experiência com jovens no sertão pernambucano. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 18(Suppl. 2), 1299–1311. <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0264>

Silva, G. M. da, & De Tilio, R. (2021). Discursos de familiares acerca da sexualidade de sujeitos autistas. *Revista Subjetividades*, 21(2), Article e11018.

<https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i2.e11018>

Silva, M. C. da, Arantes, A., & Elias, N. C. (2020). Uso de histórias sociais em sala de aula para crianças com autismo. *Psicologia em Estudo*, 25, Article e43094.

<https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.43094>

Silverman, C. (2015). [Review of the book *NeuroTribes: The Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity*, by Steve Silberman]. *Anthropological Quarterly*, 88(4), 1111–1121. <https://doi.org/10.1353/anq.2015.0057>

Torralbas-Ortega, J., Manozzo, L. P., Pinzón-Espinosa, J. E., Blanco-Blanco, J., & Sánchez Fernández, M. (2022). Actitudes hacia la sexualidad de los padres de adolescentes con trastorno del espectro autista. *Enfermería y Salud Mental*, 1(20), 5–11. <https://doi.org/10.5538/2385-703X.2022.20.5>

Torralbas-Ortega, J., Valls-Ibáñez, V., Roca, J., Sastre-Rus, M., Campoy-Guerrero, C., Sala-Corbinos, D., & Sánchez-Fernández, M. (2023). Affectivity and sexuality in adolescents with autism spectrum disorder from the perspective of education and healthcare professionals: A qualitative study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(3), Article 2497. <https://doi.org/10.3390/ijerph20032497>

Torralbas-Ortega, J., Valls-Ibáñez, V., Roca, J., Campoy-Guerrero, C., Sastre-Rus, M., & García-Expósito, J. (2025). Sexual affectivity in autism spectrum disorder: Bibliometric profile of scientific production. *Archives of Sexual Behavior*, 54(2), 673–684. <https://doi.org/10.1007/s10508-024-02996-1>

Trundle, G., Jones, K. A., Ropar, D., & Egan, V. (2023). Prevalence of victimisation in autistic individuals: A systematic review and meta-analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(4), 2282–2296. <https://doi.org/10.1177/15248380221093689>

Tutar Güven, Ş., & İşler, A. (2015). Sex education and its importance in children with intellectual disabilities. *Journal of Psychiatric Nursing*, 6(3), 143–148. <https://doi.org/10.5505/phd.2015.64936>

Uchoa, D. S., Silva, I. A., Cunha, L. C. C., Ferreira, G. A., Alves, J. A., & Nunes, F. S. (2024). Roda de conversa como instrumento no processo de educação em saúde bucal: Relato de experiência. *Revista CPAQV: Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida*, 16(2). <https://doi.org/10.36692/v16n2-117r>

UNESCO. (2018). *International technical guidance on sexuality education: An evidence-informed approach*. UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260770>

Wang, X., Cui, Y., Ji, Y., & Liao, S. (2025). A qualitative analysis of the sexual education needs of girls with autism: Perspectives from Chinese parents. *International Journal of Developmental Disabilities*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1080/20473869.2025.2456804>

Weiss, J. A., & Fardella, M. A. (2018). Victimization and perpetration experiences of adults with autism. *Frontiers in Psychiatry*, 9, Article 203. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2018.00203>

Wilson, C. (2013). *Listening from the heart: The experience of compassionate listening in Teen Talking Circle* [Master's thesis, Georgia State University]. ScholarWorks @ Georgia State University. <https://doi.org/10.57709/4905748>

World Health Organization Regional Office for Europe & Federal Centre for Health Education. (2010). *Standards for sexuality education in Europe: A framework for policy makers, educational and health authorities and specialists*. Federal Centre for Health Education. <https://whocc.bioeg.de/en/publications/standards-for-sexuality-education/>

Wolf, L., & Welton, N. (2005). *Speaking and listening from the heart: The facilitator's handbook*. Dsistas Press.

Wong, J. M. S. (2024). Breaking stigma: Enhancing sexual health literacy for heterosexual men with mental health conditions through a psycho-educational group intervention. *Social Work with Groups*, 47(4), 367–377. <https://doi.org/10.1080/01609513.2023.2295253>

i Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública,
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São
Paulo, Ribeirão Preto, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-1059-0548>
tatianegrandre@gmail.com

ii Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública,
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São
Paulo, Ribeirão Preto, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0001-6875-9265>
milenalucca@usp.br

iii Departament de Psicologia Evolutiva i de l'Educació,
Universitat de València, València, Espanha.
<https://orcid.org/0000-0003-0331-8711>
veronica.estruch-garcia@uv.es

iv Departament de Psicologia Evolutiva i de l'Educació,
Universitat de València, València, Espanha.
<https://orcid.org/0000-0003-4985-1327>
dolores.gil@uv.es

v Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública,
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São
Paulo, Ribeirão Preto, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-7900-7111>
lucilaeerp.usp.br

Toda a correspondência relativa a este artigo deve ser enviada
para:

Tatiane Geralda André
E-mail: tatianegrandre@gmail.com

Recebido em 12 de fevereiro de 2025
Aceite para publicação em 25 de junho de 2025
Publicado em 30 de junho de 2026

Círculos de conversación como estrategia de educación sexual para familias de niños y adolescentes autistas: Relato de experiencia

RESUMEN

La sexualidad desempeña un papel central en el desarrollo humano, pero en el contexto del autismo presenta características únicas, debido a las particularidades del desarrollo social y comunicativo. Los individuos autistas pueden experimentar desafíos específicos relacionados con la sexualidad, como una mayor exposición a situaciones de violencia sexual. Sin embargo, el tema aún es poco explorado, generando lagunas en la orientación familiar y en la creación de intervenciones adecuadas. Frente a esta realidad, los círculos de conversación han surgido como una herramienta estratégica para promover la educación sexual inclusiva y fortalecer el papel protector de las familias frente a la violencia sexual. El objetivo de este estudio fue describir la experiencia del uso de círculos de conversación como estrategia de educación sexual para familias de niños y adolescentes autistas. Este estudio cualitativo descriptivo se caracteriza por ser un relato de experiencia. La experiencia se llevó a cabo entre 2023 y 2024 en asociaciones de apoyo a personas autistas y sus familias en los estados de Minas Gerais y São Paulo, Brasil. Los círculos de conversación demostraron ser una estrategia eficaz para promover la educación sexual en el contexto del autismo. A través de un ambiente acogedor y participativo, fue posible desmitificar tabúes y proporcionar herramientas prácticas para abordar temas sensibles relacionados con la sexualidad en el espectro.

Palabras clave: Educación sexual; Autismo; Familias; Círculos de conversación.

Talking circles as a sex education strategy for families of autistic children and adolescents: An experience report

ABSTRACT

Sexuality plays a central role in human development, but in the context of autism, it presents unique characteristics, due to the particularities of social and communicative development. Autistic individuals can experience specific challenges related to sexuality, such as greater exposure to situations of sexual violence. However, the topic is still little explored, generating gaps in family guidance and the creation of appropriate interventions. Given this reality, talking circles have emerged as a strategic tool to promote inclusive sex education and strengthen the protective role of families in the face of sexual violence. The aim of this study was to describe the experience of using talking circles as a sex education strategy for families of autistic children and adolescents. This descriptive qualitative study is characterized as an experience report. The experience was conducted between 2023 and 2024 in associations supporting autistic individuals and their families in the states of Minas Gerais and São Paulo, Brazil. The talking circles proved to be an effective strategy for promoting sex education within the context of autism. Through a welcoming and participatory environment, it was possible to demystify taboos and provide practical tools for addressing sensitive issues related to sexuality within the autism spectrum.

Keywords: Sex education; Autism; Families; Talking circles.